O CAIPIRA NA SALA DE AULA: LINGUAGEM, CULTURA E IDENTIDADE

Clézio Roberto Gonçalves (UFOP)
clezioro b@gmail.com

RESUMO

O espaço da sala de aula, a cada dia, parece menos restrito, quer pela gama de informação a que alunos e professores são expostos cotidianamente, quer pelo inegável uso de recursos tecnológicos, que tanto aproximam, em alguma medida, o ser humano, como expõem diferenças de costumes, de crenças, de valores. A leitura das formas de ser e de agir do interior no Brasil abre perspectivas não só para um reconhecimento dessas realidades, como proporciona a consolidação do aspecto identitário que pode coexistir com a abordagem da sociedade, pelo viés do mundo contemporâneo globalizado. O objetivo deste trabalho é, portanto, trazer algumas manifestações artísticas e culturais que marcam a identidade do interior do Brasil, como elementos que não só propiciem variadas leituras que levam a reflexões do indivíduo como ser social, independente de viver e de trabalhar longe dos grandes centros. Se a globalização tende a levar a sociedade a um pensamento mais unânime, mais massificado, o resgate das manifestações regionais, por um lado, acompanhado pela análise da permanência/resistência dessas manifestações, mostra-se como uma frutuosa proposta de abordagem pedagógica significativa para a sala de aula. Pretende-se, portanto, trazer, nessa oportunidade, algumas manifestações artísticas e culturais que marcam a identidade caipira do interior do Brasil.

Palavras-chave: Caipira. Sala de aula. Linguagem. Cultura. Identidade.

O espaço da sala de aula, a cada dia, parece menos restrito, quer pela gama de informação a que alunos e professores são expostos cotidianamente, quer pelo inegável uso de recursos tecnológicos, que tanto aproximam, em alguma medida, o ser humano, como expõem diferenças de costumes, de crenças, de valores. Se a globalização tende a levar a sociedade a um pensamento mais unânime, mais massificado, o resgate a manifestações culturais regionais, acompanhado pela análise das permanências/resistências dessas manifestações se mostra como importante caminho para trabalhos significativos em sala de aula.

A leitura das formas de ser e de agir do interior no Brasil abre perspectivas não só para um (re)conhecimento dessas realidades, como proporciona a consolidação do aspecto identitário que pode coexistir com a abordagem da sociedade, pelo viés do mundo contemporâneo globalizado.

O objetivo dessa discussão é, portanto, trazer algumas manifestações artísticas e culturais que marcam a identidade do interior do Brasil, como elementos que não só propiciem variadas leituras que levam a reflexões do indivíduo como ser social, independente de viver, de trabalhar longe dos grandes centros.

Entendemos como importante também refletirmos sobre algumas melodias tidas como de raiz. Esses são alguns elementos que podem promover uma leitura para o Brasil que vai muito além dos grandes centros e do extenso litoral e são ricos e um profícuo material para aulas de língua, em especial.

Um dos nossos objetivos é refletir sobre a língua, de forma ampla, na medida em que acreditamos no que afirma Orlandi (1990) que a língua representa a autonomia de um povo. Explorar a diversidade cultural no Brasil, propiciado pela dimensão continental de seu território e sua natural diversidade, de uma maneira ou de outra, tem sido explorado, contudo, talvez não ocorra com o potencial que pode abranger, sobretudo na escola. Uma vez que,

> uma escola transformadora não aceita a rejeição dos dialetos dos alunos pertencentes às camadas populares, não apenas por eles serem tão expressivos e lógicos quanto o dialeto de prestígio (argumento em que se fundamenta a proposta da teoria das diferenças linguísticas), mas também, e, sobretudo, porque essa rejeição teria um caráter político inaceitável, pois significaria uma rejeição da classe social. Através da rejeição de sua linguagem. (SOARES, 1980, 1974)

É preciso fazer referência aos *Parâmetros Curriculares Nacionais*, ao tratarmos de ensino, pois trata-se de um conjunto de documentos que tem como objetivo subsidiar a elaboração do currículo do ensino fundamental e do ensino médio no Brasil. Para esses documentos

> a língua portuguesa, no Brasil, possui muitas variedades dialetais. Identificam-se geográfica e socialmente as pessoas pela forma como falam. Mas há muitos preconceitos decorrentes do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modos de falar: é muito comum se considerarem as variedades linguísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas. (BRASIL, 1997, p. 26)

Sabemos que os *Parâmetros Curriculares Nacionais* propõem o combate ao preconceito linguístico, sugerindo que o professor de língua materna trabalhe de maneira articulada os usos linguísticos, os quais devem ser adequados aos propósitos comunicativos e demandas sociais, e a reflexão sobre a língua em sala de aula. A partir daí, intencionamos abordar isso dentro do possível pelo nosso tempo de trabalho, entretanto, gostaríamos de abrir perspectivas nesse sentido. Para tanto, fizemos um re-

corte e resolvemos tratar um pouco do que se pode encontrar de história, de cultura, de tradição, de identidade no interior de nosso país.

Os *Parâmetros Curriculares Nacionais* do ensino médio também propõem que a linguagem na escola se torne objeto de reflexão e análise, permitindo ao aluno a superação e/ou a transformação dos significados veiculados. Visto que, deve-se estudar toda a experiência já construída, estabelecendo relações com o presente, ou seja, o conhecimento socialmente instituído. Pois, sabe-se que

> (...) o conhecimento, a análise e o confronto de opiniões sobre as diferentes manifestações da linguagem devem levar o aluno a respeitá-las e preservá-las como construções simbólicas e representações da diversidade social, histórica e cultural. As linguagens utilizam-se de recursos expressivos próprios e expressam na sua atualização, o universal e o particular. Pertencer a uma comunidade, hoje, é também estar em contato com o mundo todo. As práticas sócias deverão estar cada vez mais próximas da unidade para os fins solidários. (BRASIL, 2007, p. 42)

Assim, optamos por trazer alguns resultados de nossa pesquisa, no que diz respeito ao interior de São Paulo e de Minas Gerais, defendendo o que defendem Bentes e Mussalim (2005, p. 60), quando afirmam que a diversidade linguística não se restringe a determinações motivadas por origem sociocultural e geográfica.

Essa retomada da forma de ser e de agir do interior no Brasil promove não só um (re)conhecimento de comunidades, como proporciona o movimento identitário. Não se pode negar que se hoje as manifestações culturais, religiosas, por exemplo, são alvo de atenção e de respeito, em âmbito escolar, muito se deve a um importante passo no ensino da língua, no tocante à luta contra o preconceito linguístico, tendo em vista não só as variantes existentes em um país, mas toda sua formação cultural e identitária.

O trabalho cada vez mais solidificado no que concerne à concepção de língua para além do estabelecido pela norma culta ratifica não só a existência de uma língua falada e de uma língua escrita, mas, acima de tudo, seu uso determinado por certas condições situacionais. Embora Saussure tenha deixado claro em seu *Curso de Linguística Geral* que língua e fala são universos distintos, mas inter-relacionados. Por sua vez, também, Beline (20l0) reforça que os estudos variacionistas têm especial importância, por sugerirem que língua e fala estão mais que inter-relacionados, a relação parece mesmo de interdependência. Com o amplo acesso dos brasileiros aos bancos escolares, especialmente no primeiro

nível do ensino fundamental, a multifacetada realidade brasileira, em todas as suas expressões socioculturais, reflete-se na produtiva e saudável convivência de diversas variedades linguísticas na vida escolar, conforme já disseram Martins, Vieira e Tavares (2014, p. 9).

A forma diferente de as pessoas fazerem uso da língua desperta o olhar atento, respeitoso e curioso de Amadeu Amaral para com o povo do interior e parece ir mais longe do que uma maneira de se ver como exemplo de interiorano; explora um povo que vive, que se relaciona, que se desenvolve e é parte constitutiva de um país.

Antes de explorarmos um pouco da importante contribuição de Amaral, por meio de sua obra *O Dialeto Caipira*, da década de 1920, voltamos à origem do termo "caipira" – denominação tipicamente paulista e significa a primeira miscigenação entre branco e índio "kaai" – "pira", em língua indígena.

Popularmente, há décadas usamos esse vocábulo para sintetizar quem vive no interior e é uma palavra que, ao longo do tempo, foi muito usada de forma pejorativa, para caracterizar alguém pouco inteligente, simplório, aquele que não segue o esperado socialmente, quer por usa postura, por sua linguagem, por suas vestimentas, por suas crenças e valores. Eis a prova de que diferenças, especialmente no tocante à linguagem não são marcadas apenas geograficamente, mas também por fronteiras sociais.

Amaral é precursor em analisar esse povo, pelo viés do vocabulário usado por eles. O valor desse trabalho é inegável e, na apresentação de seu livro, por Paulo Duarte, postumamente inserida, faz referência a Roger Bastide, quando este expressa a relevância da obra de Amaral:

> Essa observação sutil que nenhum crítico antes de Roger Bastide, com sua formação sólida nos centros mais adiantados do mundo, havia registrado, demonstra (...) uma coisa que nunca me cansei de acentuar: a profundeza, a universalidade do espírito desse modesto caboclinho do interior (...) (DUARTE, In: AMARAL, 1976, p. 37)

Obviamente, ao falar de um olhar de resgate para a forma de vida de um povo, não podemos deixar de ressaltar que tanto a forma de se expressar verbalmente ou de manifestar seus hábitos, suas crenças foram sendo bastante alteradas, ao longo dos anos, muito em virtude de haver uma educação mais abrangente, como pelo fato, especialmente nas últimas duas ou três décadas de alcance da televisão em longínquas habitações.

Se Amaral encontrou certas restrições em sua pesquisa, no início do século passado, conforme ressalta:

> (...) já no início do século XX falava da dificuldade de encontrar manifestações genuínas do caipira também no interior, graças à educação mais abrangente e que impunha uma forma mais padrão culto da fala. Se isso já era notado (...) não só na fala caipira mais preservada, bem como seus hábitos tornaram-se raridade (AMARAL, 1976, p. 41)

Em pleno século XXI, mais de uma década de globalização, não há como não entender seus efeitos, nos mais distantes rincões do planeta. De toda forma, uma análise cuidadosa para o vocabulário da variedade usual no interior, tanto de São Paulo como de Minas Gerais e de outros estados, demonstrará uma gama lexical restrita, muito em virtude da simplicidade da vida que o indivíduo leva em pequenas localidades.

Apesar de todas as restrições, bem como suas influências, uma viagem pelo interior de São Paulo e de Minas Gerais é um convite que pode ir além de um passeio pela geografia de certas localidades, pode ir além de um resgate do tempo, uma forma de recorrer à memória de uma região, de um povo, de uma época.

Amaral acreditava mesmo haver uma cultura caipira que não se limitava ao interior de São Paulo, foco de seu trabalho, mas que caracteriza a cultura e a língua caipira. Para ele, essa variedade, que chamou de dialeto caipira, é um processo de acomodação da língua em relação ao falar do lugar.

Temos convicção na existência da cultura caipira apregoada por Amaral e entendemos que essa postura ideológica é nossa forma de militar contra o preconceito linguístico.

O trabalho constante na defesa de um ensino de língua que vá além da variedade linguística de prestígio tem sido eficiente e, aos poucos, vemos resultados disso, na própria sala de aula, com a utilização de textos oriundos de diversas situações de comunicação e de variedades linguísticas distintas. Ao inserirmos textos de outras variantes em sala de aula, é importante reforçarmos que, apesar das variações, não vivemos "num caos linguístico" e isso se deve pelo fato de

> (...) um indivíduo, no contato com outros indivíduos, numa comunidade, encontra os limites do que pode variar individualmente. Como se constitui uma comunidade de fala (...)compartilham traços linguísticos que distinguem seu grupo de outros; comunicam-se relativamente mais entre si do que com outros; e compartilham normas e atitudes diante do uso da linguagem. (BELINE, 2010, p. 129)

Falar em variação, no âmbito acadêmico, é referir-se à Sociolinguística, área da ciência da linguagem que procura verificar de que modo fatores de natureza linguística e extralinguística estão relacionados ao uso de variantes nos diferentes níveis da gramática de uma língua. Numa perspectiva dialetológica, a sociolinguística, ainda conforme Beline, pode se ocupar em estabelecer fronteiras em relação aos diferentes falares de uma língua. Podemos mencionar também da geolinguística, vista por alguns estudiosos como sinônima de dialetologia, mas que especificamente é o estudo das variações no uso da língua, tendo em vista falantes de regiões geográficas diferentes, por exemplo. Trabalhos sob essa perspectiva, embora não se restrinjam a regiões distantes dos grandes centros, servem como exemplo de estudos que valorizam a diversidade não só pelo uso de certa variedade linguística, mas esta como manifestação da forma de viver de um grupo de pessoas. São trabalhos que reconhecem que, nos dizeres de Souza & Pautz (s.d.), a língua de um povo constitui-se um dos seus bens mais preciosos.

Muitos trabalhos recentes de geolinguística, na Universidade de São Paulo (USP), têm sido feitos sob orientação da professora Irenilde Pereira dos Santos, com quem compactuamos com a afirmação de 2009, quando fala que os estudos geolinguísticos e os atlas linguísticos, produtos dessas pesquisas, revelam a inegável e importante presença da memória coletiva na fala de brasileiros de várias localidades.

A variação numa língua se dá de formas diversas, além do uso de uma palavra ou de outra, por determinado grupo, mas também a forma de pronunciar algumas palavras, por causa da variação diatópica, da variação diafásica. As variações podem ocorrer tanto no nível do léxico, como da fonética, da morfologia, da sintaxe. Considerando-se que,

> em toda comunidade de fala são frequentes as formas linguísticas em variação. A essas formas em variação dá-se o nome de variantes. Variantes linguísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística. (TARALLO, 1997, p. 8)

Pensar na dinamicidade da língua é entender a natural e constante variação pela qual passa. Variar é parte do processo de qualquer língua, entretanto, as variações ocorrem sem que, muitas vezes, perceba-se esse fenômeno. Isso acontece, por exemplo, pelo fato de uma palavra apresentar duas formas que coexistem por um tempo, até que uma prevalece e há uma mudança.

Ao olhar a língua, como está estabelecida, podemos pensar que algumas mudanças ocorrem, como Chagas (2010) se refere "aos blocos e em saltos", entretanto, o processo não se dá dessa maneira. Prova disso é verificar como certas palavras são escritas e como são, de fato, pronunciadas. De uma forma geral, ao analisarmos aspectos da linguística, é fundamental o retorno aos escritos de Saussure, que estabeleceu a diferença entre linguística interna, como uma disciplina científica e a externa, num segundo plano, aquela que se ocupa da relação entre a língua e a história.

A abordagem quanto ao aspecto externo da língua, na perspectiva saussuriana cai por terra. Chomsky alerta para o fato de os falantes de uma língua serem criativos no uso que fazem dela e não se limitam a apenas imitar o que ouviram. Nessa medida, Chagas reforça a relevância dessa concepção de Chomsky, uma vez que enfoca no conhecimento linguístico armazenado na mente do falante. O professor Chagas ressalta também a postura de Labov, que leva em conta numa análise, o que é variável e o que é mutante; para ele, toda língua apresenta variação, que potencialmente pode originar em mudanças.

Apesar de as variações serem óbvias num exame de uma língua, há que se ter claro, também, que nem toda inovação é profícua e vinga. Para que a mudança ocorra, a língua tem necessariamente de passar por um período em que há variação. Claro é, no entanto, que a língua escrita pode demorar muito a registrar as mudanças na língua falada.

Enfim, trabalhar a língua reservando um espaço para as variações e possíveis mudanças é uma maneira de explorar a memória discursiva, ou seja, levar em conta aspectos socio-históricos de crenças e valores, muitas vezes armazenados e até mesmo esquecidos. É a variação um passo anterior à mudança linguística e o olhar para esse contínuo processo, é olhar o povo que utiliza a língua como cidadão, em sua ampla acepção.

O uso que se faz da língua, ao mesmo tempo em que tem abrangência para retomar marcas presentes, às vezes, apenas na memória, apresenta-se também em constante adaptação às necessidades do dia a dia. Contudo, Amaral, partindo do pressuposto da existência de um dialeto caipira, considera um vocabulário mais restrito, natural para o estilo de vida do indivíduo que usa essa modalidade da língua. No entanto, obviamente que com o passar das décadas essa situação mudou significativamente, já que as necessidades cotidianas das pessoas que vivem no interior sofreram alterações e mesmo quem vive no campo teve que aprender, minimamente, certas condutas para melhores resultados no cultivo,

na colheita, bem como para gerir sua vida, como por exemplo tendo que se submeter a um mínimo de procedimentos, para uma simples transação bancária, para se submeter a algum exame de saúde. Enfim, não acreditamos mais que esse dialeto seja, como afirmava Amaral há quase um século, uma modalidade da língua que representa um estado atrasado do português.

De toda forma, alguns usos da língua como a manutenção de certos hábitos e a resistência, felizmente, de determinadas comemorações podem ser importantes objetos em sala de aula, para a construção de conhecimentos variados e que abranjam diferentes áreas, desde a geografia, a história, a língua, como a música.

Já há um século vários importantes pesquisadores, com ou sem formação acadêmica, vislumbravam a possibilidade de mostrar o Brasil e sua diversidade cultural, por meio desse instigante mosaico de usos e de tradições do povo do interior.

Quando nos colocamos a analisar algumas palavras usadas no interior de São Paulo, por exemplo, entendemos como passaram a fazer parte de seu dialeto, ao mencionar termos que teriam vindo em virtude das viagens dos tropeiros ao sul do país:

> (...) esses termos nos vieram por intermédio do Rio Grande do Sul, com o qual mantiveram outrora os paulistas intensas relações de comércio, sobretudo de comércio de animais, sendo frequentíssimas as viagens de tropeiros de uma para a outra província. Dessas relações guardam ainda vocabulários comuns, não só de origem estrangeira, como de elaboração própria (...). Encontra-se no falar caipira de S. Paulo, e na própria linguagem das pessoas educadas, toda uma multidão de neologismos derivados, alguns muito expressivos e já indispensáveis àqueles mesmos que procuram fugir à influência do regionalismo (assuntar, campear, festar, moçar, pururucar etc.). (AMARAL, 1976, p. 41)

Evidentemente, muitos desses vocábulos caíram em desuso e podem estar presentes apenas na linguagem de pessoas mais velhas, ou na lembrança destas, em relação a seus antepassados. Alberto Isaac é um cronista em atividade, que foca seu olhar para um município do interior de São Paulo, Itapetininga, e que busca, com sua memória, recontar um pouco de sua cidade natal e como eram algumas comemorações na localidade, bem como a origem destas.

Em um de seus textos, fala do Largo do Rosário e uma típica festividade anual, iniciada provavelmente no século XIX e que perdurou até os anos 40 do século XX. Tratava-se do louvor a uma santa, venerada pelos negros e que, no dia 25 de dezembro, “era comemorada com a tradi-

cional congada. Esta percorria as ruas do bairro, anunciando, com seus estranhos cânticos e danças (...) a homenagem à milagrosa santa". A festa durava uma semana e além da música e da dança, as pessoas se fartavam com diversos quitutes.

Em algumas crônicas, com sua sutileza e habilidade, recupera o falar da comunidade, inserida numa determinada época, e ao refletir sobre alguns termos antigos, afirma que há palavras que podem estar em desuso "mas que também são lembradas como engajadas no vocabulário popular" e se reporta a Petrônio:

> Pelos séculos as palavras gastam-se. Aderem às salvas. Correm nas bocas. Estiolam papéis, papiros, atas. Iluminam as iluminárias, se eternizam nos livros, tratados, florilégios. Resistem em incunábulos e in-folios. (ISAAC, 2014)

Como exemplo de outro estudioso interessado pelo interior do Brasil e que também percorreu a cidade de Itapetininga, a fim de explorar a vida de seu povo e suas tradições reportamo-nos a Mário de Andrade. O mesmo largo, o do Rosário, mencionado por ele em *Aspectos da Música Brasileira* (1965), citado por Isaac (2008), ao se referir ao famoso carnaval dos negros, no final do século XIX, quando estes dançavam o lundu. Mário de Andrade, também há um século, entendia a relevância de explorar esse universo do interior do Brasil, para valorizar regiões mais distantes dos centros, com seu povo e sua forma de viver.

Há estudos que articulam o trabalho com variantes da língua por meio de ricos textos literários. Estudos com o cordel são recursos bastante explorados e servem de exemplo. Tendo em vista nosso foco no interior de São Paulo e de Minas Gerais, ressaltamos o trabalho de Pedro Pires Bessa, de Minas Gerais, ao analisar a obra de Jadir Vilela de Souza. Trata-se de uma pesquisa apresentada em um congresso de Letras em Caratinga, Minas Gerais e se intitula "O dialeto caipira na obra poética de Jadir Vilela de Souza".

Souza compôs sua primeira obra em 1946, "E o Manué se vingô" e esta é a referência do estudo de Bessa. A obra, para além de abordar o dialeto popular caipira, apresenta com delicadeza e sensibilidade uma história de amor e seus descaminhos.

A riqueza do trabalho de Bessa foi explorar a poesia, a linguagem atribuída aos personagens e entremear menções a gramáticos e a linguistas e suas visões quanto à modalidade de pouco prestígio da língua, a fala caipira.

De início, reporta-se a um tradicional gramático, para exemplificar o claro preconceito linguístico por tantos anos perpetrado nas escolas.

> O dialeto caipira está condenado a desaparecer devido à ação da escola e dos meios de comunicação. /.../ A língua popular é a fala espontânea e fluente do povo. Mostra-se quase sempre rebelde à disciplina gramatical e está eivada de plebeísmos, isto é, de palavras vulgares e expressões da gíria. É tanto mais incorreta quanto mais incultas camadas sociais que a falam.Diz-se, com mais propriedade, linguagem popular. (CEGALLA, 2000, p. 564 e 565)

Na sequência, busca outros estudiosos e suas concepções quanto a esse uso da língua, como é o caso de Celso Cunha e Lindley Cintra, com posicionamentos mais próximos ao que se vê na linguística hoje. Em seguida, reporta-se a outro acadêmico, que também enfatiza o ranço preconceituoso, pautado numa visão valorativa da língua. Contudo, vai além à crítica a maneira de encarar essa modalidade, especialmente de fala e afirma:

> Achamos natural exigir que o aluno aprenda a norma culta para utilizá-la em determinadas situações sociais de comunicação, mas achamos absurdo, por exemplo, exigir que alguém tivesse de aprender o dialeto caipira para falar com o pessoal da zona rural de determinadas regiões do país (sobretudo sul de Minas Gerais e parte de São Paulo). Por quê? Os falantes de norma culta ´exigem´ que o caipira aprenda seu modo de falar para circular entre eles, mas o contrário não acontece; os caipiras não ´exigem´ que os falantes da norma urbana culta aprendam seu dialeto para circular entre eles. Aprender dialeto caipira será sempre uma ´concessão´ dos membros do outro grupo social por interesse científico, ou porque isso pode ser interessante, cômico, exótico, etc. Os caipiras têm com relação à outra variedade o mesmo estranhamento lingüístico, tanto que ´acham graça´ do outro modo de falar, mas não o tacham de errado. Não poderiam fazê-lo? O mesmo raciocínio pode ser feito com relação a qualquer par ou grupo de variedades que entrem em confronto. (TRAVAGLIA, 1997, p. 64)

Para finalizar nosso trabalho, segue o mencionado poema, objeto de Bessa. Enfatizamos, assim, a importância da obra de Souza, justamente pela beleza artística literária possível de ser encontrada em qualquer modalidade da língua.

E o Manué se vingô *Jadir Vilela Souza*	
Foi o dia 3 de agosto dia marcado a mau gosto pru Manué se casá. Prá casá c´a Inhá Rusinha, a moça qui era a rainha de beleza do arraiá!	Quando a festa terminô e o povo se arretirô da casa do Coroné, foi que intão Inhá Rusinha toda chic e bunitinha, foi drumi có Manué.

Chegado o dia marcado,
ajuntaro os convidado
pru dia bem festeja.
Intão tava uma bondade,
pois inté dava vontade
da gente tamem casá!

Foi uma prução de gente,
paricia inté semente
lá no meio do arrozá,
acumpanhano os casado
pelos caminho infeitado
da casa deles mora!

Vivero munto feliz
até qui a sorte num quis
juntinha deles fica,
e a tristeza intão aconteceu
o qui agora eu vô cuntá!

Manué, caboclo forte,
num temia nem a morte
mais tinha bão curação.
Gozava munta amizade,
e só dexava sodade
aqui no nosso sertão!

Pois era ele um bão rocêro
trabaiava o dia intêro
na fazenda do Migué.
E pru sê munto distante
longe de casa bastante,
lá drumia o Manué.

Mais intão Inhá Rusinha
pru sê munto bunitinha
era munto cubiçada.
Tinha o cabelo cumprido,
munto gôsto nos vestido
e uma facinha rosada!

Ficô tudo apaxonado,
os mucinho apreparado
qui morava no arraiá,
e a Rusinha constrangida,
ficô seno pirciguida
pru mode dum seu oiá!

E o Chiquinho do Sinhô,
num aguentano uma dô
qui no seu peito cuntinha,
juro pru Virge Maria,
de tê que fala um dia
cum a danada da Rusinha!

Num supurtano a paxão
qui tinha no curação
pru causo da Rosa bela,
foi numa noite de lua
lá batê na casa sua,
pra mode fala cum ela!

Cumo o silenço era bão
pruveitô da casião
prá fala do seu amô.
Rusinha meio assustada,
ficô logo apaxonada
pru Chiquinho do Sinhô!

Cada dia qui passava
Os seus amô omentava
Pono os ôto em confusão
e a Rusinha cubiçada,
se torno seno falada
cá pras banda do sertão!

Mais um dia foi no ovido
dum caboco distimido
qui era irmão de Manué,
qui num priguntano nada,
meteu logo os pé na istrada
foi cuntá cumé qui é!

E o Chiquinho, apaxonado,
ficô munto amedrontado
e na hora dele saí
cunvidô Inhá Rusinha
se quiria bem susinha
de noite cum ele fugi!

E a Rusinha intão temeno
o qui tava acunteceno
a proposta ela aceito.
Intão bem de madrugada
se ponharo pela istrada
nem nutiça eles dexô!

E o Janjão, caboco forte,
um tipo do home do norte,
e nervoso cumo que,
insinô pru Manué
bem tudo cumé qui é
qui ele tinha de fazê!

Vancê fica acumudado,
finge tá se acunfurmado,
qui ela um dia há de vortá!
E ancê fica de tucaia,
Ninguém vê nem atrapaia
Vancê a Rosa mata!

Manué iscutô tudo
mais inté fingiu de mudo
prá mode se praticá,
e cumo nada pensano,
já ficô ele isperano
a Inhá Rusinha vortá!

Imagina, meu patrão,
qui o Janjão
parece qui divinhô!
Será 'coisa' qui ele féis?
Num levô mais nem um méis,
Inhá Rusinha vortô!

E de tão arripindida
Ficô inté iscundida
Lá na gruta do gambá!
Mais o Tunico intão viu,
correno o morro subiu,
pru Manué foi cuntá.

Manué tudo enraivado,
pelo Janjão insinado,
juro intão se vinga!
Cum dois revorve nas mão,
Bem cheio de animação,
Foi a Rusinha incuntrá!

Intrô na gruta susinho,
de vaga, bem de mansinho,
qui nem um ramo mecheu.
E dispois viu a Rusinha
ninano uma criancinha
qui a pôco tempo nasceu!

Manué intão, coitado,
ficô tudo invermeiado
e qui inté mitia dó!
No lugá bem iscundido,
ele intão dispircibido
féis baruio nos sipó.

E a Rusinha amedrontada,
se prostô ajueiada
e pidino mi perdão.
Tinha o vestido rasgado
o corpo tudo arranhado,
suluçano de aflição!

Dispois ela intão chorano
pediu ele, lastimano,
apontano pru bebê,
qui matasse ela somente,
e qui dexasse o inucente
do fio dela vivê!

Manué oviu aquilo
qui aperto seus grugumilo,
pois inté quase choro!
E ficô cumpadicido,
num quereno sê bandido,
a Rusinha perduô!

Pode vim muié danada,
vancê já tá perduada,
prá casa pode vortá!
E leve esse fio seu,
qui apesá de num sê meu
eu quero ele trata.

Foi quano de supetão
apareceu o Janjão
qui de pressa priguntô:
"Diga logo Manué
me diga pru qui é
qui vancê num se vingô?"

A gente vinga, Janjão,
num é só matano, não
tem mais modo de vinga!
Apois veja, iscuita sô,
Qui a vigança foi maió,
Pois c'o nenê vô fica!

A linguagem trabalhada de forma dinâmica e flexível torna-se relevante no ensino de língua materna, em sala de aula, propiciando uma abordagem e uma análise substanciosa das variantes, assegurando um ambiente dialógico, cujos estímulos facilitam a aprendizagem.

Nesse contexto, esse artigo mostra que, através do estudo da língua portuguesa e suas variações, os poemas e/ou letras de música são suporte atraente e possibilita inúmeras leituras interpretativas, mostrando/revelando história, costumes, identidade, cultura, evolução da linguagem e contraste sociais.

Assim, concluímos que a abordagem das variantes da língua, especificamente as ainda encontradas longe das metrópoles e, de algumas formas preservadas, é recuperar a história da tradição de comunidades do interior do Brasil, é entender uma cultura formada por longos fios condutores, que tecem teias intrincadas, complexas, ora claramente articuladas, ora tenuamente continuadas, mas que muito contribuem para uma reescrita da história do Brasil, ou uma história de brasileiros. Entretanto, essa história apresenta relações que atravessaram os oceanos. Dessa forma, mais uma vez damos voz a Freyre: "(...) é preciso que se estude nos objetos de arte brasileira a influência da Índia, da África, da China, do Japão, através de Portugal, onde traços exóticos foram assimilados, antes de se comunicarem ao Brasil". (FREYRE, 2010, p. 63)

Além disso, acreditamos também que

> (...) o entendimento sobre questões como a do preconceito linguístico passa pelo conhecimento dos condicionadores internos explicam a variação nos diferentes níveis linguísticos e pelo conhecimento dos condicionadores externos que explicam como as formas em variação se encaixam na estrutura social e como elas são avaliadas na sociedade. (COELHO, 2015, p. 165)

Afinal de contas, o conhecimento científico e a prática pedagógica precisam estar mais próximos e caminhar juntos, para que sejam alcançados os objetivos postulados para o ensino de português no Brasil. O professor de português tem o dever, frisam Bortoni-Ricardo e Rocha (2015, p. 37) de, na escola, ajudar os alunos a refletir sobre sua língua materna e a desenvolver a competência comunicativa dos alunos, ampliando-lhes o número e a natureza das tarefas comunicativas que já são capazes de realizar na língua oral e, depois, também, por meio da língua escrita.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira.* São Paulo: Hucitec, 1976.

ARAÚJO, Marcilene de Assis Alves. *Linguagem e identidade cultural:* uma abordagem sociolinguística. Disponível em: <http://www.juraraca.ufsm.br>. Acesso em: 21-03-2015.

BELINE, Ronald. A variação linguística. In: FIORIN, José Luís (Org.). *Introdução à linguística:* objetos teóricos. São Paulo: Contexto, 2010.

BENTES, Anna; MUSSALIM, Fernanda. *Introdução à linguística:* domínios e fronteiras, vol. 1, 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

BESSA, Pedro Pires. O dialeto caipira na obra poética de Jadir Vilela de Souza. In: V Congresso de Letras, 2005, Caratinga (MG). *V Congresso de Letras, Discurso e Identidade Cultural* [Publicação eletrônica]. Caratinga: UNEC Centro Universitário de Caratinga, 2005, vol. 01, p. 01-08.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris; ROCHA, Maria do Rosário. O ensino de português e a variação linguística em sala de aula. In: MARTINS, M. A.; VIEIRA, S. R., TAVARES, M. A. *Ensino de português e sociolinguística.* São Paulo: Contexto, 2014.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Língua portuguesa: ensino de primeira à quarta série. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais*: Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares Nacionais*: ensino médio. Língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 2007.

CHAGAS, Paulo. A mudança linguística. In: FIORIN, José Luís. (Org.). *Introdução à linguística*: objetos teóricos. São Paulo: Contexto, 2010.

COELHO, Izete L. C. et alii. *Para conhecer sociolinguística.* São Paulo: Contexto, 2015.

FREYRE, Gilberto. *O mundo que o português criou*. Recife: E-Realizações, 2010.

ISAAC, Alberto. *Vivas memórias*: histórias, personagens, crônicas. Itapetininga: Correio de Itapetininga, 2009.

_____. Outros tempos, outras palavras. *Correio de Itapetininga*, 17 a 23/1/2014.

MARTINS, M. A.; VIEIRA, S. R.; TAVARES, M. A. *Contribuições da sociolinguística brasileira para o ensino de português.* In: MARTINS, M. A.; VIEIRA, S. R.; TAVARES, M. A. Ensino de português e sociolinguística. São Paulo: Contexto, 2014.

ORLANDI, Eni. *Terra à vista!* Discurso do confronto. São Paulo: Cortez, 1990.

SANTOS, Irenilde Pereira. Memória coletiva, geolinguística e relações textuais e discursivas. In: SANTOS, João Bosco Cabral dos (Org.). *Sujeito e subjetividade*: discursividades contemporâneas. Uberlândia: UFU, 2009, p. 339-347.

SIGNORINI, Inês. *Língua*(*gem*) *e identidade*: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas: Mercado das Letras, 20012.

SOARES, Magda. *Linguagem e escola*: uma perspectiva social. São Paulo: Ática, 1980.

SOUZA, Antônio Escandel de; PAULTZ, Sílvia. *A diversidade linguística no contexto escolar*. Disponível em: <http://www.sociodialeto.com.br/edicoes/8/09052011091540>. Acesso em: 20-03-2015.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística.* São Paulo: Ática, 1997.